

UM PAR DE LUVAS

Farsa lírica de José da Silva Leal
com texto introdutório de Ana Isabel Vasconcelos

1.

Ter-se-iam festejado, se nisso alguém estivesse interessado, em 29 de Outubro de 2005, os 160 anos da ante-estreia do Teatro Nacional D. Maria II. Nessa noite de Oitocentos, o Teatro recebeu o público pela primeira vez com um espectáculo destinado a celebrar o aniversário de D. Fernando. Oficialmente, previa-se, tal como veio a acontecer, que a inauguração propriamente dita tivesse lugar no ano seguinte, aquando do aniversário da Rainha, em Abril de 1846. O que se passou na celebração natalícia de 13 de Abril ficou documentado sobretudo nos periódicos da época: a crítica teatral coeva fez-se ouvir, os responsáveis pelo evento também, o próprio autor do drama inaugural multiplicou-se em justificações do seu conteúdo, e diversos periódicos incluíram artigos sobre o acontecimento. Toda esta documentação foi utilizada em estudos posteriores que deram conta não só do processo que conduziu à escolha do texto inaugural, como da recepção do espectáculo¹.

Iremos agora recuar uns meses relativamente à inauguração oficial e procurar elementos que nos ajudem a evocar a noite de ante-estreia do Teatro Nacional, servindo-nos isso de “pre-texto” para incluir, nesta secção de “Memórias”, a parte não efémera do espectáculo, ou seja, um dos textos que lhe serviu então de suporte – a farsa lírica *Um Par de Luvas*, de José da Silva Leal.

1 Cf. Gustavo Matos Sequeira, *História do Teatro Nacional D. Maria II*, vol. I, Lisboa, s/e, 1955, pp. 127 e ss, e, mais recentemente, Revista *Discursos – estudos de língua e cultura portuguesa*, nº 7, Coimbra, Universidade Aberta, Maio de 1994, pp. 95-103.

2.

Esquecendo as polémicas constantes em torno da construção do edifício e que davam origem a sucessivas notícias escritas na imprensa, a primeira indicação que encontramos relativamente à possibilidade de abertura das portas do Teatro Nacional é um aviso, segundo o qual, a companhia do Teatro da Rua dos Condes irá suspender a sua actividade durante os ensaios do espectáculo de ante-estreia do novo teatro². Percebemos assim que as representações dessa noite contarão exclusivamente com o elenco do Condes, já que o seu concorrente directo, o Teatro do Salitre, mantém o seu (ir)regular funcionamento, anunciando um espectáculo para a noite de aniversário do marido de D. Maria II³.

Quatro dias antes do grande acontecimento, Joaquim José de Vasconcellos, Governador Civil de Lisboa, publicara um Edital, dando indicações precisas sobre as movimentações nas imediações do edifício bem como sobre as diligências necessárias à comodidade dos espectadores no interior do teatro. Ia-se ao pormenor de explicitar que não seria, por exemplo, permitido a “pessoa alguma tomar assento no teatro com bengala ou chapéu de chuva”; não se permitiria “a entrada de bancos ou de cadeiras de fora do teatro”; e os criados não teriam entrada no teatro, excepto se portadores dos respectivos bilhetes. Os que os não possuissem, poderiam recolher-se numa sala que lhes estava destinada⁴.

Evidentemente que a escolha do reportório inaugural não foi isenta de polémica tanto mais que se elegia, para núcleo da representação, uma comédia de um autor estrangeiro, o que contrariava a razão de ser de tal espaço, traindo, à nascença, o propósito em que tinha assentado a edificação de um teatro nacional – o tão almejado e necessário desenvolvimento da dramaturgia portuguesa.

Na História que dedica a esta casa, Matos Sequeira é breve na alusão a esta noite:

O espectáculo de 29 de Outubro foi gratuito, e os convidados encheram o “Agrião”, e lá estiveram festejando o Rei-artista, até às duas horas da madrugada, ouvindo a Cantata *Manhã de um Belo Dia*, do maestro Pinto, a comédia em 5 actos O

2 Cf. *Diário do Governo*, 23 Out. 1845.

3 Cf. *Diário do Governo*, 28 Out. 1845.

4 Cf. *Diário do Governo*, 25 Out. 1845.

Senhor de Dumbick[sic], traduzida por João Baptista Ferreira, e a farsa lírica *Um Par de Luvas*, de Silva Leal, musicada por Joaquim Casimiro. Nada menos de sete actos, longos, festivos, compassados, representados pela companhia do Condes, pela Sr.^a Emília, pela Talassi, pelo Rosa, pelo Epifânio, pelo Sargedas. Grandes nomes!⁵

O facto de se tratar, como refere Matos Sequeira, de grandes nomes da cena de Oitocentos não impediu que a falta de preparação levasse a que os actores não tivessem decorado os papéis, o que resultou numa “pateada formidolosa por entre todo o regozijo daquela noite de gala”⁶.

O principal responsável pela composição do espectáculo da noite de 29 de Outubro era o dramaturgo Mendes Leal, na qualidade de destacado membro do Conservatório Real. O texto que escreve n’*A Aurora*, em Outubro de 1845, deixa perceber que a escolha de uma tradução, em desfavor de um qualquer drama original, levantara alguma polémica, provavelmente mesmo entre os Membros do Conservatório.⁷

Mendes Leal justifica a escolha daquela comédia francesa pela inexistência de um texto original pronto para ensaios, já que nenhum dramaturgo apresentara atempadamente qualquer proposta ao Conservatório. Por outro lado, justifica-se o autor, serão representadas, nessa mesma noite, mais duas peças, e essas de autoria nacional: uma cantata, com versos do próprio, e uma farsa lírica com letra de Silva Leal e música de Joaquim Casimiro.

Apesar destas justificações, os protestos fizeram eco na imprensa. O Instituto de Literatura e Arte Dramática fez saber, através da *Revista Académica* (Out. 1845), que em reunião fora unanimemente tido como inconveniente a abertura do novo Teatro Nacional com um texto de Alexandre Dumas, lamentando-se o desfavor de “dramas de autores pátrios a despeito de nossos nacionais e literários interesses”. João de Lemos, que assina um dos artigos, refere outros intelectuais, como Paulo Midosi e Costa

5 *História do Teatro Nacional D. Maria II*, vol I, Lisboa, s/e, 1955, p. 111.

6, Júlio César Machado, *Os Teatros de Lisboa*, prefácio de Manuela Espírito Santo, Lisboa, Editorial Notícias, 1991, p. 61.

7 Como reacção a esta decisão, publicita-se nesta altura no Diário do Governo a convocatória para uma assembleia dos membros do Conservatório para elaboração do regulamento do concurso de admissão de peças originais a representar na noite da abertura oficial do teatro que se previa para o ano seguinte.

Cascais, que levantaram a voz contra “o modo desnacional” por que o teatro se ia abrir. Recordar-se então Garrett, a quem o articulista apela para que se lhes junte naquele protesto contra o que considerou ser uma “prova solene do nosso, já proverbial, desamor às coisas pátrias, e caluniar de misérrima a nossa literatura dramática na própria época em que ela havia mostrado mais vida e mais vontade de viver”.

Nas Memórias Biográficas de Garrett, Amorim não menciona esta noite em particular, referindo-se apenas à enfermidade que durante esse mês de Outubro retivera o amigo em casa. O convite que lhe foi endereçado não pôde, supomos, ser aceite e não existe qualquer registo de qualquer declaração pública de sua iniciativa ou por si subscrita relativa a esta polémica.

3.

Embora, como foi dito, os ensaios se não tivessem iniciado com a antecedência necessária, a composição do espectáculo havia já algum tempo que estava decidida. Pelo menos o tempo suficiente para que se desse à estampa um volume que incluía, na íntegra, o conjunto dos textos a representar. Explicita-se na folha de rosto que se trata do conjunto de “Peças que na noite de 29 de Outubro de 1845, Anniversario Natalicio de Sua Magestade ELREI, se hão de representar no Theatro de D. Maria II”. Dois dias antes do espectáculo, a *Revolução de Setembro* publicita esta edição, esclarecendo que o livro se encontra à venda na “casa dos camarotes” do próprio teatro.

Encontram-se então impressas: uma Ode intercalada com coros, com poema de Mendes Leal e música do Sr. Pinto; a tradução da comédia de Alexandre Dumas, *O Sr. Dumbiky*; e uma farsa lírica, com poema de Silva Leal e música de Joaquim Casimiro. Géneros e autores muito em voga nos espectáculos até então vistos sobretudo no Teatro da Rua dos Condes.

A comédia era, sem dúvida, o género mais representado nos palcos da capital. Evidentemente que a quase totalidade dos textos correspondia a traduções e/ou imitações de obras francesas, embora começassem a surgir algumas produções da pena de dramaturgos nacionais que, no intervalo da escrita de dramas românticos, se entretinham com pequenas composições, parcialmente em versos rimados, destinados estes a ser cantados. Pela sua reduzida dimensão, porque eram acompanhados de música e porque eram sempre complemento da peça principal chamavam-se-lhes “farsas líricas”. É pois um desses exemplares que aqui se reproduz, embora não

completamente, uma vez que, devido à dimensão, não foi possível fazê-lo acompanhar da partitura correspondente. É no entanto possível consultar, na Biblioteca Nacional (cota MM40), uma cópia do trecho musical da autoria de Joaquim Casimiro, a qual acompanhou o texto de Silva Leal. Uma última nota: devido à importância do ritmo e da sonoridade da rima, optou-se por manter a grafia da época.

PREFÁCIO

Não tarda a fazer um anno que eu tive a satisfação de ver em scena uma farça-lyrica que de collaboração com o Sr. Frondoni nos atrevemos a submeter ao juizo do publico. O exito d'esta composição, sem exemplo no theatro portuguez, foi bem capaz de animar e estimular poetas e compositores a seguirem e aperfeiçoarem um genero que tão extraordinaria sympathia soubera merecer.

Mezes depois o Sr. J. Casimiro, cujo talento musico é por todos reconhecido, foi convidado pela empresa do theatro-nacional para escrever também uma farça-lyrica. O illustre compositor quiz absolutamente que eu fizesse a poesia.

A obra marchava mui lentamente. Mas tendo aquella empresa recebido ordem do respectivo Ministro para dar uma representação no Theatro de D. Maria II, na noite de 29 d'outubro, fui por ella instado para acabar a poesia da farça, de cuja musica estava encarregado o Sr. Casimiro, ou fazer uma nova farça, cuja musica seria commettida ao Sr. Frondoni, se por qualquer motivo a outra não viesse a concluir-se. Por mais de uma consideração annui a este pedido em ambas as suas partes.

Não me lisonjeio de que esta minha segunda producção mereça, por parte do poeta, um acolhimento tão geral como o BEIJO. O seu assumpto é menos popular, talvez; é menos caracteristico da peculiaridade de costumes assellados pelos seculos, porque é universal e moderno; mas tão singello como o outro, é talvez mais satyrico e verdadeiro; a sua execução litteraria porventura mais acurada, porque assim me pareceu dever ser.

N'estas pequenas peças é sobretudo necessário o contraste. Na que se vai seguir ver-se-ha uma scena de costumes que nos é peculiar.

Silva Leal

UM PAR DE LUVAS,

FARÇA-LYRICA N'UM ACTO,

PARA SE REPRESENTAR

NO

THEATRO DE D. MARIA II.

A Poesia é de J. M. DA SILVA LEAL.
A Musica é do M.^o J. CASIMIRO.

A Scena é em Lisboa.
A epocha contemporanea.

VI

PERSONAGENS.

FRANCISCO DE MATTOS, capitalista	O Srs. LISBOA.
JOAQUIM DA SILVEIRA, taful	« VAN-NEZ.
ANTONIO, caixeiro e filho de M. ^{mo} Souli	« SARGEDAS.
LOPES, cabo de policia	« JOSÉ ANTONIO.
D. RITA, mulher de M	« M. VELUTTI.
M. ^{mo} SOULI, modista	« J. CARLOTA.
JOSEPHINA, caixeira	« RABICCI.
1. ^a COSTUREIRA	« DELFINA.
2. ^a DITA	« JULIA .
3. ^a DITA	« CAROLINA.
CORO DE FREGUEZES E COSTUREIRAS — UMA PATRU- LHA — POVO — UM GALLEGO.	

ACTO ÚNICO.

O Theatro representa uma Casa-de-Modas, com uma ou duas portas-da-rua á esquerda do espectador, e em frente do mostrador. Ao lado d'estas uma vidraça cheia de objectos da moda, como se usa n'estas casas, e cuja parte lateral se deve vêr da platéa. Do lado direito do espectador uma sequencia de armarios de vidro com fazendas etc. etc. Do mesmo lado, da bôcca da scena até ao fundo, um mostrador em volta nas duas extremidades, praticavel no interior e com duas communições para dentro de casa. Algumas rumas de peças de fazenda etc. No fundo um espelho grande. Alguns bancos e moixos de palhinha; cabides com capas penduradas etc. E duas ou três mesas cobertas de panno verde, ás quaes estão algumas costureiras sentadas a coser. Em cima do mostrador lenços de seda em monte, caixas de papellão com rendas etc. Algumas carteiras de vidro tambem que teem dentro varios objectos de bijutaria.

SCENA I.

O panno ergue-se ao começar a introdução pela orchestra. As Costureiras estão sentadas, cosendo. JOSEPHINA anda de pé arrumando alguma coisa, etc. Quando a orchestra acaba a introdução as Costureiras cantam o seguinte

CORO.

D'ês que veio amanhecendo
Ja cosendo,
Trabalhando
E cortando
E fazendo
Cousas novas, emendando
Outras feitas...
Nós sentadas
E raladas
Aqui estamos contrafeitas,
Bem zangadas,
Sempre, sempre a trabalhar!

1.^a COSTUREIRA.

Negra vida! Que canceira!
 Passa a triste costureira
 Sempre, sempre a trabalhar!

CORO.

A patroa
 A ralar,
 A fregueza
 A gritar;
 Ai do braço,
 Sem cessar,
 Negro ponto
 A puxar!
 E a thesoira
 Sem cortar,
 E o dedal
 A saltar
 E a agulha
 A picar,
 E a fazenda
 A rasgar,
 E o retroz
 A quebrar...
 Quem póde isto
 Aturar?
 Negra vida! Que canceira
 Sempre, sempre a trabalhar!
 Quantas vezes
 Inda é pouco o dia todo
 P'ra servir os bons freguezes,
 E d'ingodo
 Um tostão
 So nos dão
 N'uma noite de serão
 Que passâmos sem dormir,
 Praguejando,

Dormitando,
Das cadeiras a cair!
Negra vida! Que canceira
Passa a triste costureira
Sempre, sempre a trabalhar!

JOSEPHINA.

Amigas, a queixa
Não é verdadeira:
Não ha melhor vida
Que é ser costureira.
Sempre divertida
C'os loucos freguezes,
Que fazem ás vezes
De riso estallar:
De tudo comprando,
Fingindo-se ríccos;
Com seus namoricos
A bolsa vasando,
So nojo causando
Com tanto asnear!

CORO.

Não ha melhor vida
Qu'è ser costureira:
É sempre a primeira
Das outras a par!

JOSEPHINA.

Na rua infeitada,
De branco vestida,
Garganta despida
E saia tufada;
Çapato traçado,
E branca luvinha,
Vistosa sombrinha,

O pente a brilhar;
 Bonita mantinha;
 Na orelha pendente,
 Um grande pingente;
 Chapeu de palhinha;
 É qual fidalguinha
 Nos gestos, no ár.

CORO.

Não ha melhor vida
 Qu'ê ser costureira.
 É sempre a primeira
 Das outras a par!

JOSEPHINA.

S'encontra pateta
 De noite ocioso
 Logo elle baboso
 A vai conversando...
 Off'rece-lhe o braço
 E diz-lhe fineza:
 Mostrando grandeza
 Quer sege alugar...
 Fazendo visitas,
 E brindes levando,
 A vai conquistando:
 E tendo dinheiro
 Dá-fundo, Escoveiro
 Não lh'hade faltar.

CORO.

Não ha melhor vida
 Qu'ê ser costureira:
 É sempre a primeira
 Das outras a par!

SCENA II.

As MESMAS , e ANTONIO *que entra saltando etc.*

ANTONIO.

Adeus, minhas pequenas. *(Intende com todas. Puxa pelo vestido a uma, pelo lenço a outra, tira uma coisa a ésta, outra áquella; dá um beliscão n' alguma etc. Umam dão-lhe, outras fogem, algumas gritam:*

COSTUREIRAS.

Ai!
Esteja quieto!
Mofino!
Deixe-me!
Vá-se d'aqui!
Tenha proposito!

ANTÓNIO *(chega-se a Josephina, muito serio, e aperta-lhe a mão).*
Como está a minha Josephininha ?

JOSEPHINA.

Estou muito mal com Vm.^{cc}, que está cada vez mais doído.

ANTONIO.

Oral Isso ha de te passar! *(Ás outras.)* Então que fazem? Namoram ou trabalham?

1.^a COSTUREIRA.

Não vê que estamos com tanta pressa de obra?

(Vão tomando os seus logares, e pegando na costura.)

ANTONIO.

Para quem é este chapéu de palha com fundo azul-claro, tão acatitadinho? (*Põe-no na cabeça.*)

1.^a COSTUREIRA.

É para a Sr.^a D. Antonia.

ANTONIO.

Jesus! Uma velha de sessenta annos! Hade lhe ficar a matar! (*Vai ter com outra.*) E estes dois vestidos tão irmãosinhos? (*Põe um diante de si.*)

2.^a COSTUREIRA.

São para duas irmãs.

ANTONIO.

Ja se sabe! Se elles são irmãosos!... Para as manas acerta-o-passo, talvez? (*Vai ter com outra.*) E ésta capa tão ricca? Bravo! (*Põe-na nos hombros.*)

3.^a COSTUREIRA.

Não se póde dizer...

ANTONIO.

Oral... Já sei é incommenda d'algum papalvo para certa incognita...

JOSEPHINA.

Como Vm.^{cc} hoje está perguntador!..

ANTONIO.

O que eu estou é gostando cada vez mais de ti.

JOSEPHINA.

Pois não!.. Quando a Sr.^a D. Rita ca não apparece, porque assim que ella chega todo o seu cuidado é servil-a... obsequial-a... até lhe dá as coisas mais baratas... (*Zangada e volta-lhe as costas.*)

ANTÓNIO.

Todos esses ciumes, minha Joia, tambem são em quanto não apparece o Sr. Joaquim da Silveira, por que assim que elle chega (*Arremedando-a.*) todo o seu cuidado é servil-o... obsequial-o... até lhe dá as coisas mais baratas. (*Volta-lhe as costas tambem.*)

JOSEPHINA (*chegando-se para elle.*)

Não diga issol... Importa-me agora cá o homem!..

ANTONIO.

Nada! não importa, não! Eu não vi que elle hontem andava em braza para lhe entregar uma cartinha! Aposto que por ahi volta logo com ella... Mas eu lhe andarei na colla...

JOSEPHINA.

Ande, ande que até me faz favor.

ANTONIO.

Como vocês todas são ladinas!... Se estivesse de pachorra cantava-lhes uma cantiga...

As COSTUREIRAS.

Pois cante, cante.

ANTONIO.

Olhem que vocês não ficam muito contentes comigo!....

As COSTUREIRAS. *(De roda d'elle.)*

Não importa. Ora cante, cante.

ANTONIO.

Como pedem tanto lá vai.

Canta.

Quiz o demo pescar homens,
No inferno os não achou,
E p'ra ter melhor colheita
Certo ingodo imaginou:

Á gandaia veio ao mundo,
Quanto lixo viu junctou,
E de trapos e frangalhos
Novo ser então formou:

Do murrão da luz da vida
A sua alma atamancou;
Coração lhe deu de cisco;
Um diabrete assim creou:

A malícia e a vaidade
N'essa *coisa* lh'incarnou:
Atirou com isso á terra
Costureira lhe chamou.

(As Costureiras todas zangadas fogem para dentro murmurando):

COSTUREIRAS.

Isto não se diz!

É um desaforo!

Ora esta! etc. etc. *(Antonio ri muito e bate as palmas).*

JOSEPHINA. *(Muito formalisada.)*

Deixe estar, Sr. Antonio que Vm.^{ce} m'ó pagará. Ainda bem que ahi vem o Sr. Joaquim da Silveira...

ANTONIO.

Sim! Pois estimo; que lá vem tambem a Sr.^a D. Rita... Já lhe vejo a sege... Veremos quem leva a melhor. Eu sou homem, minha ricca!..

SCENA III.

Os MESMOS e **JOAQUIM DA SILVEIRA.** *Depois sente-se parar uma sege e entrar FRANCISCO DE MATTOS e D. RITA , e um jockey com elles.*

SILVEIRA.

Bons dias, meninas. Dão-me um par de luvas ? *(Josephina cumprimenta e dá-se pressa a servi-lo. Antonio espreita todos os movimentos de um e outro, mas vem á porta receber D. Rita).*

MATTOS. *(Trazendo D. Rita á bocca da scena.)*

Minha Querida, gósto muito de tí, mesmo muito; mas cada vez que me impurras para uma casa-de-modas... confesso-te que sinto a maior repugnancia em te fazer a vontade. (Principalmente n'esta onde embirro muito com o caixeirinho). *(Áparte)*

D. RITA.

Ora, va-se d'ahi que não sei para que quer o dinheiro. Era bonito que andassem ahi por o 'Passeio' no grande tom algumas que em casa cahem de lazeira, e eu com marido ricco, gostava que me chamassem trapalhona? e que virassem a cara quando eu passasse, murmurando eutre-dentes: — está muito em baixo!

MATTOS.

Está bom, está bom. Mas olha não gastes mais de duas moedas. Os papeis já não deixam nada. É muito melhor antes metter algum vintem na caixa economica.

D. RITA.

Sim, sim.

SILVEIRA.

Estas não me servem de modo nenhum. (*Está provando as luvas, e mette uma carta dentro de um par que entrega com o maço d'ellas a Josephina.*) Leia esse papel que ahi vai. (*Devagar a Josephina que não percebe. António aproxima-se.*)

JOSEPHINA.

Que diz o senhor?

ANTONIO.

Quer ver outro maço?

SILVEIRA.

Nada. Ficarei com este par. (*Paga e sabe.*)

SCENA IV.

Os MESMOS, menos **SILVEIRA**; **M.^{me} SOULI** entra depois.

D. RITA. (*Chegando-se ao mostrador.*)

Adeus. A M.^{me} está cá ?

JOSEPHINA.

Eu a chamo minha Senhora. (*Sabe para chamar M.^{me} Souli, e entrega o maço das luvas a Antonio.*)

ANTONIO.

V. Ex.^a também hade querer luvas?

D. RITA.

Tambem quero dois pares.

M.^{ME} SOULI. (*Entrando com Josephina.*)

Muito bom dia, minha senhora, V. Ex.^a tem passado bem ?

D. RITA.

Não muito bem. (*Antonio chega um moixo para D. Rita se sentar, e vai buscar tudo quanto ella pede.*) Obrigada. (*Com um sorriso para Antonio.*) Queria ver alguns chapéus de veludo, meias de seda preta, gros-de-Naples preto para vestidos, chailes de lan, e uma capa.

MATTOS. (*Que tem estado a presenciar tudo com muita curiosidade.*)

Jezus! Lá vai todo o meu interesse da Companhia Confiança-Nacional!

Quem póde co' as modas
Mulher aturar?
Co' a breca vá ella
Mais tal esparrella,
Qu' é trapos comprar
Dinheiro perdido..
E o pobre marido
Tudo hade pagar!
Quer hoje um vestido
Quer outro ámanhan,
Quer chaile de lan,

Quer manta de seda
E quer mantelete,
Quer cinto e colete,
Quer *polka, amazona*;
Diz qu' é trapalhona
Se capa não tem.
Também quer *visita*,
Roupão, camisita;
Quer touca e chapéu,
Quer flores, quer veu,
Quer tudo comprar...
E o pobre marido
Tudo hade pagar!
Quem póde co' as modas
Mulher aturar?
Quer punhos, quer luvas,
Quer laços, fichús,
E quer marabúts;
Quer borlas, cordões,
'Vental, cabeções;
Quer broches, pulseiras,
Quer quantas asneiras
As modas inventam:
Quer meias, quer saias,
Quer blondes, cambraias,
Setins , e veludo;
Quer leques, quer tudo...
Quer fitas, quer rendas,
E quantas fazendas
A França cá mette.
Quer sôbre a toilette
Cosmetico e cheiro...
Não chega o dinheiro
P'ra tanto comprar
E o pobre marido
Tudo hade pagar!
Quem póde co'as modas
Mulher aturar?

(Em quanto Mattos canta, D. Rita está vendo as fazendas no mostrador, e fazendo a contra-scena com M.me Souli, Josephina e Antonio).

D. RITA *(ao marido).*

Ora pague, que lhe não gastei nenhum despropósito.

MATTOS.

Sim senhora, quem paga sempre sou eu... Deixe ver a conta Madame.

M.^{ME} SOULI.

Aqui está. São 85\$455 réis só.

MATTOS.

Só! Ora ésta! Assim não se póde coalhar vintem ainda que se empreste dinheiro a quatro por cento ao mez.

(As compras que fez D. Rita tem sido impacotadas e dadas ao Jockey para metter na sege; menos as luvas que D. Rita tem ao pé de si.)

D. RITA.

Deixe; as luvas levo eu mesma. Olha isso não se vá amarrotar na sege: vê lá como o arrumas. *(Ao Jockey.)*

ANTONIO.

Eu se fosse a V. Ex.^a levava mais este par de luvas. Tem muita boa pelica e um côr-de-cana muito lindo.

D. RITA.

Pois sim dê cá. *(Mette-o com os outros sem vêr, e é aquelle em que Silveira metten o bilhete para Josephina.)* Adeus Madame. Passe muito bem. Ande vamos, que ainda quero ir a casa da minha baroneza. *(Ao marido.)*

MATTOS.

A Menina leva-me sempre aonde quer...

D. RITA.

Que é isso? Está de mau-humor? Ora; guarde-me essas luvas e deixe-se de semsaborias. (*Dá as luvas ao marido, e sabem ambos.*)

M.^{ME} SOULI.

Antonio, agora fique aqui em quanto nós vamos jantar. Josephina venha.

SCENA V.

ANTONIO e FREGUEZES entrando.

1º TURNO DE FREGUEZES

Queremos luvas de pelica.

ANTONIO (*vai buscar*)

Prompto, prompto, sim senhor.

2º TURNO.

Tem chapéus de chuva bons?

ANTONIO (*corre a hír buscar*).

Tenho, tenho, sim senhor.

3º TURNO.

Suspensorios de borracha.

ANTONIO.

Já os sirvo, sim Senhor.

CORO DE FREGUESES.

Deixe vêr lenços de seda.
Tem gravatas, mostre cá.
Traga aqui mantas de lan.

ANTONIO *(já meio atrapalhado).*

Tudo prompto, ahi vou já.

CORO.

Queremos córtes de colete.
Cazemiras deixe vêr.

1.º TURNO.

Venha cá ! Venha depressa.

2.º TURNO.

Ande, avie ; não seja lorpa.

3.º TURNO.

Que mais temos que fazer?

ANTÓNIO *(querendo acudir a todos faz grande espalhafato, deixa cabir umas coisas, tomba outras etc).*

Que balbúrdia ! Todos junctos...
Isto assim não pôde ser!

1.º TURNO.

Vem as luvas ?

2.º TURNO.

Dá-me os lenços ?

3.º TURNO.

As gravatas qu'eu pedi?

CORO.

Então? Ande que não queremos

Todo o dia estar aqui.

ANTÓNIO (*trocando tudo que apresenta*).

Aqui tem. (*A uns.*) Veja se gosta? (*A outros*)

Tome lá. (*A estes.*) Escolha aqui. (*Àquelles.*)

1º TURNO.

Quero lenços não cotim.

Quero luvas não chapeu.

2.º TURNO.

Suspensorios pedi eu.

Eu comprar gravatas vim.

3.º TURNO.

Mantas quero guarde o veu.

Os coletes são p'ra mim.

CORO.

O rapaz é trapalhão.

(*Misturam tudo e atiram com as coisas.*)

ANTONIO (*muito azaranzado*).

Oh senhores, por quem são

Não confundam tudo assim!

1º TURNO.

Onde estão essas caixeiras
Que não podem aqui vir?

2º TURNO.

Ó rapaz chame as meninas
Que não póde só servir?

3º TURNO.

Vamos, vamos, temos muitas
Muitas lojas aonde ir.

CORO.

O rapaz é forte peça
Bôas contas hade dar
Ah, ah, ah, n'uma trípeça
É melhor que fôra estar!

ANTONIO.

Pois vão-se co'a breca
Mais um tal comprar.
Acabe-se a sécca
E deixem-me todos
Não são isto modos
Da gente tractar.

Decerto não pecca
Quem pragas rogar,
Mandando p'r'á Meca
A taes figurões
Que caros tostões
Nos veem cá deixar!

Qualquer alforreca
 Tem dentro mais ár
 Do qu'elles teem téca
 Nas suas carteiras,
 Ou nas algibeiras
 P'ra cá nos vir dar...

CORO.

Ah l ah l que paspalho!
 É forte caixeiro !. .
 Louco é quem dinheiro
 Lhe vem cá deixar!

SCENA VI.

ANTONIO e JOSEPHINA.

JOSEPHINA.

Agora se quer póde ir jantar, Sr. Antonio, que eu ficarei aqui.

ANTONIO.

Pois já jantaste meu Amor? *(Com ironia.)*

JOSEPHINA.

Eu não tenho vontade. *(Anciada.)* Tão pouco é o que Vm.^{ce} hoje me tem feito?

ANTONIO.

Já fui castigado, minha Joia! Vieram agora aqui uns poucos de doidos que me fizeram a cabeça em agua; desdobraram tudo, não compraram nada, e em logar do que desarrumaram na loja, arrumaram-me a mim uma descompostura!

JOSEPHINA.

É bem-feito. (*Batendo na mão em ar de surriada*). Tudo isso ainda é muito pouco para o que Vm.ce merece.

ANTONIO.

Oh! cachorra! Espera que m'ó hasde pagar.... (*Quer-lhe dar um abraço: Josephina foge e formalisa-se*).

ANTONIO.

Não sejas esquiva,
Da cá um abraço...
As pazes eu faço
Que te amo verás.

JOSEPHINA.

Cabeça de vento!
Não posso atural-o...
Heide, heide deixal-o
Que louca me faz.

ANTONIO.

Vem cá não me fujas..
Não sejas assim.
Tu sempre p'ra mim
A mesma serás.

JOSEPHINA.

É um estouvado,
É um creancola,
Vá, vá p'ra escola,
E deixe-me em paz,
(*Á parte*) Eu é que fui tola
A elle entregar-me...
Devia lembrar-me

Qu' é muito rapaz.
 Quem cheira a cueiros
 Não presta pr' amante;
 É doido, é birbante,
 D'amor incapaz.

ANTONIO. (*Á parte*)

No génio as mulheres
 Caprixos é tudo,
 E são por estudo
 Fingidas e más.
 Com quem as requesta
 Affectam desdem,
 E chegam-se a quem
 Pirraças lhes faz.

ANTÓNIO. (*Fazendo-lhe festa*).

Já basta! Então ?.. Vamos.
 Sê minha amiguinha.
 Moer-me, mázinha,
 Assim me farás.

JOSEPHINA.

Esteja quieto
 Não faça tolices
 Com taes pieguices
 De mim nada faz.

ANTONIO.

A minha mãe corro,
 Que te amo lhe digo:
 Casada commigo
 Bem cedo estarás.

JOSEPHINA.

Não manguê commigo,
Não quero mais vel-o
Qu' a murros cozel-o
Sou muito capaz.

SCENA VII.

JOSEPHINA só.

Não sei como heide viver com este rapaz!.. Gósto d'elle: fazia-me conta casar.
— Mas é um doido! Coitadas de nós, que quando não temos a fortuna de agradar aos
homens pela figura ou pelo dinheiro, lá por o genio quasi sempre teem pécha que nos
pôr.

Triste sorte da mulher
Condemnada á injustiça!..
Ricca, a amam por cubica
Pobre, a deixam por não ter!
— Ri; que é doida hãode dizer:
Ama alguêm; é censurada:
Se não ama , é desprezada:
Séria; dizem mona ser!
— Sem vontade e sem podêr,
Obrigada a ser fingida,
Contrafeita passa a vida,
Que lhe querem sem saber!
— Quasi é todo o seu viver
O receio e a saudade...
Do caprixo e da maldade
É escrava até morrer!

SCENA VIII.

A MESMA e JOAQUIM DA SILVEIRA.

SILVEIRA.

Com effeito! Ando ha uns poucos de dias para ver se incontro a menina só, até que finalmente pude ter esse gôsto. (Isto de estar só foi giria d'ella... Já esperava que eu viesse ao cheiro da resposta da carta. *(Á parte.)*)

JOSEPHINA.

Não sei para que o senhor me queria incontrar só.

SILVEIRA.

Pois a Menina não sabe quanto gôsto da sua pessoa ?

JOSEPHINA.

Se gosta na realidade agradeço-lh'o muito, mas perde o seu tempo em m'o dizer.

SILVEIRA.

Deixemos essa polemica de namorados platonicos. Leu o meu bilhete?

JOSEPHINA.

Que bilhete ? *(Com aspecto.)*

SILVEIRA.

Ora essa! *(A rapariga quer côrte) (á parte.)*

JOSEPHINA.

Eu não vi bilhete nenhum; mas antes que o tivesse visto havia de rasgal-o sem o ler.

SILVEIRA.

Não se faça de novas...

JOSEPHINA.

Pois com effeito o senhor quiz dar-me algum bilhete? Sempre lhe digo que ha homens tão nescios que se succede verem os dentes a alguma mulher que se ri d'elles, assentam logo que está apaixonada, rendida, pilhada...

SILVEIRA.

Se eu tivesse essa certeza não lhe escrevia a perguntar-lh'o.

JOSEPHINA.

Então dou-lhe de conselho que nunca escreva sem estar certo de que lhe dão resposta.

SCENA IX.

Os MESMOS e MATTOS *com mostras d'agitação.*

MATTOS.

Onde está o rapaz... o caixeiro?

JOSEPHINA.

Se o senhor quer algum par de luvas, aqui estou eu.

MATTOS.

Nada, nada, quero-o a elle. Preciso muito fallar-lhe.

JOSEPHINA.

Vendeu-lhe alguma coisa defeituosa?

MATTOS.

Peior, pior. Mas onde está elle ?

JOSEPHINA.

Inganou-se talvez n'alguma conta ?

MATTOS.

Oh! Senhora! deixe-me com as suas perguntas. Digo-lhe que quero fallar ao caixeiro já e já.

SILVEIRA.

Então a Menina quer fazer favor de me dizer se leu ou não o meu bilhete?

JOSEPHINA (*a Silveira*).

Deixe-me, senhor. (*aborrecida*).

MATTOS.

Faz ou não favor de chamar o caixeiro?

JOSEPHINA.

Elle não tarda aqui. Eu não posso deixar a loja.

MATTOS e SILVEIRA.

N'esse caso faz-me estar aqui á pata?

JOSEPHINA.

Não sei que lhes faça. (*Volta-lhes as costas.*)

SILVEIRA.

Foi decerto o caixeiro insolente
Que o bilhete das luvas tirou;
Se o maroto á madame o mostrou
Muito caro Ih'hade isso custar!

JOSEPHINA.

Eu com ambos não sei intender-me!
Anda aqui muito grande mexida ...
O Antonio fez coisa atrevida...
Na cabeça lhe póde a vir dar!

MATTOS.

O rapaz é bregeiro e precisa
Uma sova n'aquelle costado,
Quem tal faz deve ser ensinado
P'ra saber com senhoras tractar.

SCENA X.

Os mesmos e **ANTONIO.**

MATTOS. (*Correndo a Antonio.*)

Venha cá, senhor maroto,
Que cartinha era aquella?
Quero dar-lhe o porte d'ella
P'r'atrevido mais não ser !

SILVEIRA. (*O mesmo.*)

Venha cá sô bregeirete.
É espia muito fina...
É tutor cá da Menina ;
N'ella tem algum podêr?

ANTONIO.

Que diabo dizem elles?
Esta agora é mais comprida ...
A cabeça teem perdida;
Que diabo hei de eu fazer!

SILVEIRA.

Venha cá, senhor tratante,
Temos contas a ajustar!

MATTOS.

Uma sova sô maroto,
Uma sova hade apanhar!

(Mattos e Silveira puxam e empurram Antonio, ora um ora outro. Antonio faz tambem por se defender. Josephina corre ora a este ora áquelle, grita por soccorro e chama para dentro. Atravessa a scena um gallego que vai á porta e apita).

SCENA XI.

Os MESMOS, M.me SOULI, COSTUREIRAS, Povo,
uma PATRULHA , CABO DE POLICIA.

CORO.

Que foi isto? que succede?
P'ra que foi um tal gritar!

JOSEPHINA.

Chamei por soccorro
Porqu'estes senhores
Motins e clamores
Fazer cá vieram;
E em risco pozeram
D'um grande barulho
Com tal sarabulho
Podêr succeder.

ANTÓNIO.

Commigo foi tudo,
Mas nada sei d'isto;
Só sei qu'imprevisto
Me vi atacado,
Puxado, impurrado,
Por estes senhores
Qu'a mim taes favores
Quizeram fazer.

MATTOS.

Senhor, este moço
É uma tal peça
Que boa remessa
Bem tinha mer'cido!

Bilhete atrevido
 Por elle occultado
 Nas luvas, foi dado
 A minha mulher.

LOPES.

É decerto atentar contra a moral,
 Prêso ha de ir ao juiz correccional!

SILVEIRA.

Pois, senhores, a consciencia
 Não me póde consentir
 Qu'innocente o rapaz prêso
 Por amor de mim deixe ir.

(A Mattos.)

Era esse meu bilhete
 Que nas mãos lhe foi cahir.

MATTOS.

Atreveu-se então acaso?...
 E de mim não quer fugir?!..

SILVEIRA.

Devagar, meu bom amigo.
 Á Menina a carta dei.

(Apontando Josephina.)

Mas não viu que lh'a mostrava
 Quando as luvas lhe comprei.
 Eu no par mettido a tinha
 Qu'ô senhor veio a comprar.

M.^{ME} SOULI.

Ja na rua nunca mais
N'esta casa m'hade entrar:
Porqu'os homens só perseguem
Quem confiança lhes quer dar.

ANTONIO.

Josephina é innocente
Eu o sei: posso-o jurar.
E s'a mãe me dá licença
Eu com ella heide casar.

CORO.

Tenho dó d'este rapaz
Que logrado quer ficar.
As mulheres teem d'officio
Pobres homens enganar.

JOSEPHINA.

Não, não, dó não tenham
Do qu'a homens succeder.
Não, não que desforra,
S'inganados veem a ser
Em amor,
Sabem ter.
Terno e firme amante
Nenhum homem pôde haver.
Fiel fôra elle
E feliz era a mulher:
Esposa constante
Cumprira o dever.

ANTONIO.

Bom marido eu juro ser.

M.^{ME} SOULI E CORO EM GERAL.

Casem, casem que feliz

Tão bom par sempre hade ser.

FIM DA FARÇA.